



FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS DE TEÓFILO OTONI

CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LUIZA PEREIRA DE ALMEIDA

VANESSA FERNANDES DOS REIS

OPRESSÃO:

Segregação e opressão da mulher brasileira

TEÓFILO OTONI

2021

**ANA LUIZA PEREIRA DE ALMEIDA
VANESSA FERNANDES DOS REIS**

**OPRESSÃO:
Segregação e opressão da mulher brasileira**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Paula Lins Houry

**TEÓFILO OTONI
2021**

**Ana Luiza Pereira de Almeida
Vanessa Fernandes dos Reis**

**OPRESSÃO:
Segregação e opressão da mulher brasileira**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Paula Lins Khoury

Aprovadas em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Avaliador 1

Prof. Avaliador 2

Prof. Avaliador 3

OPRESSÃO: SEGREGAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA

OPRESSION: SEGREGATION AND STANDARDIZATION OF BRAZILIAN WOMEN

Ana Luiza Pereira de Almeida

Acadêmica do 10^o período do bacharelado em Psicologia, AlfaUnipac

E-mail: analuteo62@gmail.com

Vanessa Fernandes dos Reis

Acadêmica do 10^o período do bacharelado em Psicologia, AlfaUnipac

E-mail: vanessa333vdl@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem por escopo o debate acerca da sujeição social que as mulheres sofrem, delimitando-se à realidade brasileira, a historicidade dos contrastes de gênero e dos recortes socioeconômicos, além das especificidades da submissão da mulher negra e responsabilidades coletivas relacionadas ao objeto do artigo. Embora inegáveis e de extrema relevância, os êxitos do feminismo não alcançam um todo de forma igualitária, ressaltando ainda mais a importância da ótica ampliada deste trabalho, que visou aglutinar pontos de vistas culturais, sociais e políticas sobre a dinâmica discriminatória que incide na mulher brasileira. Para sua construção, o trabalho objetivou uma abordagem qualitativa da sua problemática, traçado a partir de uma pesquisa descritiva e explicativa em uma esquematização bibliográfica atualizada sobre o conteúdo essencial do artigo, que é a opressão, padronização e segregação da mulher no Brasil, utilizando como principais fontes plataformas de bases eletrônicas de indexação de periódicos e revistas impressas. Obras clássicas de autores como Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Sigmund Freud também foram utilizadas, dada a pertinência à temática proposta. Para concretiza a investigação, foram utilizadas as palavras-chave feminismo, desigualdade de gênero, racismo, Psicologia e mulher. Aprender e apreender mais este tema contribui diretamente não só no afronte ao machismo e o preconceito de gênero, mas, especialmente, no engrandecimento do movimento da sororidade, reconhecimento e combate das pontualidades das violências étnicas e a coletividade de direitos e deveres.

Palavras chaves: Feminismo. Desigualdade de gênero. Psicologia; Mulher.

Abstract:

The present work has as its scope the debate about the social subjection that women suffer, delimiting itself to the Brazilian reality, the historicity of gender contrasts and socioeconomic clippings, in addition to the specificities of the submission of black women and collective responsibilities related to the object of the article. Although

undeniable and extremely relevant, the successes of feminism do not reach a whole in an equal manner, highlighting even more the importance of the expanded viewpoint of this work, which aimed to bring together cultural, social and political points of view about the discriminatory dynamics that affect Brazilian women. For its construction, the work aimed at a qualitative approach to its problematic, traced from a descriptive and explanatory research in an updated bibliographic schematization about the essential content of the article, which is the oppression, standardization and segregation of women in Brazil, using as main sources platforms of electronic bases of indexation of periodicals and printed magazines. Classic works by authors such as Simone de Beauvoir, Betty Friedan, and Sigmund Freud were also used, given their pertinence to the proposed theme. The keywords feminism, gender inequality, racism, psychology, and women were used to concretize the research. Learning and apprehending more about this theme contributes directly not only to the confrontation of machismo and gender prejudice, but, especially, to the growth of the sorority movement, the recognition and combat of the punctualities of ethnic violence and the collectivity of rights and duties.

Keywords: Feminism. Gender inequality. Psychology. Woman.

1. Introdução

Este artigo resgata a discussão sobre opressão e segregação que as mulheres enfrentam. Apesar das grandes evoluções conquistadas pelo movimento feminista e pela sociedade como um todo, o fato de ser mulher implica em um imaginário social de vulnerabilidade, que classifica o sexo feminino como o sexo frágil. Sendo assim, busca-se entender em que nível a sociedade padroniza e influencia as condutas femininas.

É importante discutir sobre as representações sociais de gênero, principalmente no que diz respeito à mulher e às implicações históricas que este termo carrega, dado o fato que ainda são ameaçadas e violentadas em situações que envolvem preconceitos e desigualdades de gênero. Se faz necessário trazer à luz os ideais, as produções, lutas e conquistas do feminismo, dar voz às demandas que muitas vezes são tamponadas por homens que se apossam do lugar de fala das mulheres.

Portanto, pretende-se com este artigo responder: quais são as formas que a sociedade padroniza e modula as condutas femininas?

Almeja-se abranger ao máximo as limitações impostas ao universo feminino, fazendo-se compreender como se deu a desigualdade no trabalho, a padronização dos corpos e o estereótipo perfeito para cada função que a mulher exerce.

Englobando, também, a visão em massa que a mídia produz e as batalhas singulares da mulher negra.

O objetivo geral da pesquisa é descrever as condutas que rotulam as mulheres e os motivos pelos quais essas condutas se perpetuam; os objetivos específicos seriam apontar a desigualdade de gênero e suas características históricas, discutir a padronização da mulher, relatar os deveres que a sociedade impõe sobre a mulher e descrever a interseccionalidade da mulher negra.

O debate sobre a opressão e segregação da mulher é de extrema relevância para a transformação social como um todo. Apesar do crescente interesse sobre as reivindicações dos direitos da mulher, esta ainda é inferiorizada e tida como parte omissa em relação ao sexo masculino - ainda que os movimentos feministas lutem pela igualdade de direitos para que a mulher tenha autonomia sobre sua vida (PINTO, 2010).

O conhecimento sobre o tema pode combater atitudes machistas, preconceituosas e violentas, estimular a sororidade e quebrar tabus sobre a função limitada da mulher na sociedade. O sentimento de preconceito, competição e até mesmo rejeição entre mulheres é real, até mesmo quando o intuito é de união. Mulheres brancas segregam mulheres negras por sua cor e/ou ambas rotulam as outras por sua identificação sexual ou até mesmo por classe econômica e forma física. Dessa forma, o movimento feminista perde força e vira um subconjunto do grupo que não luta pelos direitos da mulher, fortalecendo os conceitos opressores que a sociedade afirma.

2. Metodologia

Para a realização deste artigo, foi realizada uma pesquisa qualitativa para abordagem do problema. Quanto aos objetivos, foi feita uma pesquisa descritiva-explicativa. Para fazer o levantamento e mapeamento da produção bibliográfica brasileira sobre o tema opressão, padronização e segregação da mulher, foi necessária a revisão de artigos científicos, documentos, livros e referências de preferência com publicação nos últimos dez anos, salvo os clássicos.

As principais fontes utilizadas para a pesquisa foi a plataforma do Google Acadêmico e a plataforma SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). A escolha dessas bases de dados justifica-se por aglutinarem parcela significativa de periódicos brasileiros indexados acerca da proposta. Ambas possuem textos completos e de

acesso gratuito. Além de bases eletrônicas, foram escolhidas também revistas impressas, como a revista *Veja*, revista *Maiêutica*, dentre outras fontes de pesquisas. O período pesquisado foi o de 2010 a 2021, salvo as obras de autores clássicos, sendo eles Simone de Beauvoir (1970), a autora Betty Friedan (1971) e Sigmund Freud (1914).

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: feminismo, desigualdade de gênero, psicologia e mulher.

3. Revisão da literatura

3.1 Deveres impostos às mulheres

Desde a era do Brasil colônia, as mulheres sofrem com os deveres sociais impostos a elas e padecem com o fato de terem que ficar em casa cuidando de seus filhos enquanto seus maridos vivem como nômades resolvendo questões políticas e financeiras (BURILLE, 2012). A única coisa que se esperava das mulheres nessa época era que elas virassem boas mães e esposas, que agradassem seus maridos sexualmente e que cuidassem da organização da casa: eram predestinadas a uma vida de servir aos outros, em especial os seus maridos.

Analisando os escritos de Medeiros e Chaves (2017), percebe-se que não havia uma preocupação para com as mulheres: no ano de 1995 ocorreu uma conferência que representava a força dos movimentos feministas e uma vereadora apresentou um projeto (o RASEAM – Relatório Anual Socioeconômico da Mulher) que foi sancionado apenas 15 anos depois, relatório que incumbia ao presidente a obrigatoriedade de publicar um parecer que descrevesse informações de políticas públicas criadas para as mulheres.

Viver em um mundo onde o machismo é algo tão presente no cotidiano não é fácil; ser menosprezada e/ou diminuída pelo simples fato de ser mulher, ganhar menos exercendo a mesma função que um homem, enfim, ser vítima de um sistema arcaico e patriarcal, podem ser algumas tarefas árduas que estão presentes no cotidiano das mulheres. Além disso, elas tiveram que lutar muito para ter direitos como o voto, ter sua independência financeira e sair do papel único de dona-de-casa para o mercado de trabalho.

Deve-se relembrar a fala da autora feminista Simone de Beauvoir (1970): “não se nasce mulher, torna-se mulher”. É possível, assim, compreender que existe uma

construção social que conduz o ser que nasce com genital feminina a ser uma mulher. Entretanto, o sentido de ser mulher não está vinculado aos afazeres domésticos e tampouco às características biológicas que a permite ser mãe, pois essas questões fazem parte de um constructo social e cultural.

Ser mãe deveria ser uma escolha única e particular de cada mulher, uma vez que quem passa pela maternidade é exclusivamente ela. Há casos de engravidarem para agradar o marido e até mesmo a sociedade, pois há uma pressão quando alguém casa, principalmente para com as mulheres, para saber quando terão filhos e quando dizem que optaram por não ter, logo vêm os comentários para entender o porquê desse pensamento “incomum” de não ser mãe.

A autora Friedan (1971) relata no seu livro *Mística Feminina* um episódio em que uma menina diz à sua mãe que quer ser médica e logo em seguida a mãe a reprime dizendo que “ela é mulher, não podendo, assim, exercer essa profissão; deverá se casar e ter filhos como a mamãe”. Mas, afinal, o que isso representa? Viver uma vida na qual agradará mais a sociedade do que a si? Viver um padrão só para não ser julgada como diferente ou estranha? Ser forçada a ter filhos contra a sua vontade apenas para satisfazer o desejo do seu parceiro? Isso não deveria ser assim: mulheres são autênticas e tão capazes como qualquer outro ser humano para construir seu caminho e tomar suas próprias decisões, seja o de não ser mãe ou até mesmo o de não casar.

Desde os primórdios a mulher é reprimida e deve cumprir os padrões e deveres que a sociedade a impõe, como diz Figueiredo e Diniz (2018) “[...] a mulher bem-sucedida era a que fosse escolhida por um homem”. Analisando esse fragmento, é possível dizer que só estando casada que a mulher teria o seu devido valor e caso ela escolha não se casar e não ter filhos, ela não será vista como alguém que “venceu” na vida.

Escolher o que vestir, se irá ter filhos ou não, trabalhar para além da sua casa, se vai ter um marido ao seu lado, pode parecer uma tarefa fácil hoje em dia, apesar de ainda ter julgamentos quando a mulher vai contra as imposições da sociedade, porém, isso foi uma tarefa muito difícil para se conquistar e é graças ao feminismo que as mulheres podem estar no mercado de trabalho, votar, escolher a maternidade, mas para isso acontecer, muitas lutas e movimentos foram traçados até os dias de hoje.

3.2 Dificuldades enfrentadas pela mulher negra

No Brasil, a mulher negra tem uma bagagem histórica remetida aos trabalhos domésticos e conotações voltadas para a satisfação sexual que, no caso, elas eram obrigadas a realizar os desejos dos seus senhores (CARVALHO, 2015).

Hoje não é muito diferente: esses fatores podem ser observados nas novelas/filmes, nas quais as mulheres negras estão na maioria das vezes em papéis de empregadas domésticas e garçonetes, fazendo com que o preconceito racial e de gênero fiquem cada vez mais enraizado. Vê-se também divulgações, como as chamadas do carnaval das redes de televisão, que usam dos corpos femininos, em sua maioria negros, com o objetivo de atrair a atenção dos telespectadores para as curvas das mulheres brasileiras.

Há tempos o sistema de propagandas das cervejarias vem hiper-sexualizando o corpo feminino, entretanto, a cerveja Devassa ganhou destaque por fazer uso de conotação sexual, racista e machista para expor seu produto. No ano de 2010, o lançamento da Devassa preta chamou atenção pelo grande teor de erotização utilizado em seu marketing. O cartaz que continha uma cerveja de coloração escura, juntamente com uma ilustração de uma mulher negra com vestimentas sensuais, era apresentado com a seguinte frase: “é pelo corpo que se conhece a verdadeira negra”. Destacando que campanhas desse tipo são voltadas para o público masculino, a afirmação diminui a mulher a um simples corpo, anulando qualquer outra virtude que a classe feminina possa possuir. Isso se agrava quando envolve as mulheres negras, que por anos e anos foram escravizadas, tendo seus corpos banalizados e abusados por seus senhores. De acordo com Assis:

(...) a hiper sexualização da mulher negra apresenta uma mulher jovem, considerada como aquela que incita e depois satisfaz a vontade do branco senhor, a mulata de ontem configura-se na Globeleza de hoje, embora tal descrição possa dar a entender que esse papel exercido pela mulher negra tenha ocorrido de forma amigável, falamos aqui de relações baseadas em violências físicas e emocionais que minavam (e assim ainda atuam) a autoestima dessas mulheres (...) (2015, p. 3)

A época da escravidão fez com que a imagem da negra fosse atribuída a prestação de serviços, logo, os papéis sociais de poder não estariam ligados a essa mulher (CARVALHO, 2015). Quando não vista como bela e jovem para o deleite masculino, a mulher negra é sempre vista/imaginada como serviçal feia, obesa, com lenços na cabeça, à beira do fogão e esteticamente desvalorizada.

Os produtos de beleza, por exemplo, estão sempre sendo apresentados por

mulheres brancas e a figura da mulher negra é atrelada à incapacidade de ter acesso a esses produtos, seja por questões financeiras ou até mesmo pelo tom de sua pele, uma vez que “ideologicamente a ideia é que a mulher negra não pode utilizar um produto de beleza, pois no imaginário racista, a beleza tem cor e ela é branca” (CARVALHO, 2015, p.24).

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal (2020) dispõe sobre estudos que conectam o racismo estrutural como determinante na saúde mental da pessoa negra. A mulher negra enfrenta esses estigmas e preconceitos ao longo de toda sua vida, o que segundo o TJDF pode trazer consequências que afetam diretamente o psicológico do indivíduo, como a ansiedade, baixa autoestima, complexo de inferioridade, estresse e depressão. Ser negra no Brasil quer dizer que além do racismo, essa mulher enfrentará também discriminação de gênero, o que faz com que sua luta seja ainda mais singular. Tal desigualdade racial que essas mulheres enfrentam se deve por todo um processo estrutural que há na sociedade e que, de certa forma, impõe o desejo sexual excessivo às imagens femininas.

É desde cedo que a sociedade determina estereótipos sobre a mulher negra. Um exemplo é quando as meninas ingressam na escola e são discriminadas pelo cabelo crespo e para se sentirem aceitas pelas outras estudantes, alisam seus fios. Com a intenção de se encaixar em um padrão de beleza, as crianças abrem mão da sua originalidade, podendo sofrer com baixa/falta de autoestima e problemas de autoafirmação, dado o fato que sua imagem não se enquadra dentro do padrão de beleza imposto, já que o bonito é ser branco com cabelos lisos e loiros.

3.3 Padronização da mulher

De fato, as mulheres conquistaram um espaço inquestionável de maior liberdade sobre seus corpos e influência no mercado de trabalho. Contudo, a sociedade contemporânea ainda articula mecanismos com a intenção de inferiorizar o sexo feminino, a exemplo da ditadura da beleza. O crescimento do consumismo, das mídias sociais e da globalização, fomentou a ideia de que mulheres precisam de uma estética perfeita para serem devidamente aceitas.

As consequências causadas pela padronização do corpo feminino culminam em sofrimentos psicológicos, como a distorção da imagem corporal, distúrbios alimentares e baixa autoestima, como explica a psicóloga Tatiana Mendes (2018):

Falar desse padrão de beleza vai além de ter uma vida saudável e dieta balanceada. Estamos falando sobre o real prejuízo que isso tem causado nas mulheres e nas consequências como: depressão, alteração no humor, ansiedade, isolamento social e também os distúrbios alimentares. As mulheres criam expectativas com seu próprio corpo, criam metas absurdas que não estão de acordo com sua estrutura corporal e acabam virando estatísticas de algum transtorno.

No entanto, essa beleza que coloca em risco o bem-estar físico e mental de diversas mulheres não passa de um constructo social gerador de capital: os investimentos femininos em cirurgias plásticas, roupas, medicamentos e cosméticos, movimentam um grande mercado que ajuda a manter um círculo vicioso em busca da perfeição. De fato, tal perfeição não existe e a busca por ela é tão escravizante quanto os antigos padrões de opressão.

Em 1914, Freud escreve o artigo *Introdução ao Narcisismo* e com isso explica a condição narcísica como parte da gênese do ego, ou seja, um mecanismo comum à formação de toda estrutura psíquica. O narcisismo se divide em primário, que, a grosso modo, é um investimento de energia libidinal direcionado ao próprio eu, e secundário, que se dá à medida que o bebê vai percebendo a existência de um mundo externo. Após a energia libidinal passar a ocupar também objetos externos, o aparelho psíquico segue durante a vida buscando um equilíbrio entre investimento interno e externo. No entanto, a sensação de desamparo permanece inscrita nessa estrutura, o que permite o retorno do narcisismo no decorrer da vida, ou seja, retorna à urgência em ser novamente o centro de desejo, o que é impossível. Essa teoria leva a relacionar o consumismo e a necessidade de aceitação a uma forma de cobrir a falta inerente ao ser.

Em uma análise sobre o filme *Delírios de Consumo de Becky Bloom*, Aragão e Oliveira (2014, p.125) fazem algumas considerações pertinentes ao assunto, mostrando como a compulsão por compras da protagonista retrata um fenômeno crescente, que é a do consumo excessivo como válvula de escape para carência afetiva e medo do abandono, ou seja, uma forma de proteger o ego.

As redes sociais criaram um utópico universo de perfeição a custo de cirurgias, filtros e procedimentos estéticos. Mulheres com celulites, estrias, manchas ou que estão acima ou abaixo do peso socialmente esperado, sofrem com comentários maldosos e até mesmo são ameaçadas na internet.

Wichels (2013), citando Michel Foucault (1979), fez colocações que para se

gerir um grupo é necessário manter sob controle o micropoder, dessa forma, barrar qualquer discurso divergente, sendo ele baseado em hábitos, desejos, costumes, entre outros. Assim, é construída a chamada cultura do cancelamento, na qual o usuário da rede não pode fazer colocações que desagradam a alguns e, caso o faça, é excluído do âmbito virtual.

Sem direito à respostas, às desculpas ou simplesmente dividir opiniões, o ambiente de socialização vai perdendo a capacidade de troca, tornando-se comum e limitado. Esse movimento fortifica a padronização, dado o fato que existe um perfil exigido de corpo e conduta: caso o sujeito não se adeque, é ignorado e/ou excluído. Isso firma a ideia de uma sociedade cada vez mais narcisista, egoísta e opressora.

3.4 Desigualdade de gênero e suas características históricas

Não é possível mensurar ao certo quando a desigualdade entre homens e mulheres se fez presente na sociedade; entretanto, a história aponta vários vestígios de como o caminho percorrido pelas mulheres se deu. Ao pensar em algumas formas de civilização da Grécia antiga, pensadores como Platão, Pitágoras, Alexandre, o Grande, entre outros, são facilmente identificados por seus grandes feitos históricos. Contudo, se faz necessário questionar: onde estavam as mulheres dessa sociedade?

Criticadas pelo cantor e compositor Chico Buarque de Holanda em uma de suas canções, as mulheres de Atenas eram educadas para o casamento e afazeres domésticos, sempre com delicadeza e modos, sem possuir influências políticas ou econômicas. Em contrapartida, os homens atenienses eram influentes e possuíam acesso aos debates políticos, econômicos, educacionais e sexuais (MARCHANDEAU, 2014).

Por outro lado, as mulheres de Esparta desafiavam as tradições da época e dividiam com os homens um espaço de quase igualdade. Conhecidas por sua força de combate e beleza, eram escolarizadas e economicamente ativas. Além de possuírem direito ao divórcio, andavam com poucas vestes e eram incitadas à procriação, cultura de liberdade que fez com que as espartanas ficassem conhecidas em outras polis como mulheres promíscuas (ARAGÓN, 2020).

A comparação entre essas duas civilizações de mesma época permite observar que a história da desigualdade de gênero não acompanha somente um tempo cronológico, mas, também, fatores socioculturais. Portanto, faz sentido examinar as

opressões culturais surgidas no período colonial que ainda deixam reflexos na vida cotidiana da mulher brasileira.

Os navegadores portugueses que aqui desembarcaram viajavam há dias sem contato íntimo com o sexo feminino. Ao encontrarem mulheres índias despidas, se utilizaram de permuta, trocando sexo por cacos de espelhos ou qualquer outro artefato sem valor monetário. As novas terras ofereciam uma válvula de escape às tradições rígidas da Europa, possibilitando a fuga da monogamia, como afirma Freyre (2013, p. 61): “já aperfeiçoados à poligamia [...], os portugueses encontraram na moral sexual dos ameríndios o campo fácil para expandir aquela sua tendência [...] de viverem com muitas mulheres”.

Vale salientar que a cultura indígena daquela época já inferiorizava a mulher antes mesmo da chegada dos portugueses. O trabalho de plantio, colheita, cuidados dos filhos e da casa eram responsabilidade feminina, enquanto o homem aprendia, já na infância, sobre a superioridade masculina e por isso era responsável pelos trabalhos com menos esforços. Gilberto Freyre (2013, p. 13) aponta que “a produção artística era exclusiva ou principalmente dos homens [...], a construção da oca era seu trabalho mais duro”.

Ao passo que o patriarcado foi instaurado, a chegada dos jesuítas fez com que as mulheres indígenas sofressem com a necessidade de usar vestimentas, além de serem escravizadas e utilizadas como objetos sexuais. Ainda na atualidade, não é incomum que estrangeiros vejam o Brasil como um país de mulheres nuas e prontas para a atividade sexual.

A mão-de-obra dos indígenas não era satisfatória, já que eles não estavam adaptados à rotina de trabalho braçal, então os portugueses passaram a importar escravos africanos. As condições dos navios negreiros eram deploráveis: homens e mulheres eram expostos a pestes e fome, além das condições precárias de higiene.

Assim que desembarcavam, as mulheres negras eram direcionadas aos afazeres domésticos e cuidados dos filhos de seus senhores. No entanto, essas mulheres eram tidas como amantes e sofriam abusos sexuais recorrentes e que muitas vezes resultavam em doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis, ou em gravidez indesejada. Como afirma Freyre (2013, p. 51), “não há escravidão sem depravação sexual”. Corpos negros ainda são hiper-sexualizados no Brasil e essas mulheres são julgadas inferiores e destinadas a subempregos.

Independentemente da época, da cor ou etnia, nenhuma das mulheres citadas eram realmente livres, apesar de que algumas fossem menos oprimidas que outras. Até mesmo as espartanas, que ultrapassaram seu tempo, eram obrigadas a gerar guerreiros fortes e sofriam ataques de outras polis. As mulheres brancas dos senhores e as atenienses eram omissas nas traições e obedientes às imposições de seus maridos; as negras eram isentas de qualquer tipo de escolha e as índias eram manipuladas e violentadas: a história deixou marcas que moldaram uma sociedade e cristalizam uma cultura.

De acordo com Baseggio e Silva (2015, p. 27):

Foi apenas a partir de 1970 que a mulher passou a ser alvo de debates e de estudos aprofundados, quando os âmbitos família e sexualidade passaram a ser pesquisados. A partir disso a mulher passou a ser exposta em relação à sua sexualidade, à sua importância e à sua vitimização.

Dessa forma, ao decorrer dos anos as mulheres foram alcançando alguns espaços, ainda que marcados por uma relação de dependência e sempre vistas como belas e determinadas ao lar, longe de um parâmetro de igualdade. T tamanha discrepância passou a incomodar a comunidade feminina, que começou a fazer reivindicações acerca da igualdade de gênero. A autora feminista Simone de Beauvoir na sua obra-prima *O segundo sexo* (2009), postula que a mulher não nasce com competência apenas para os afazeres domésticos, tampouco para assumir posturas tidas como femininas: essas supostas vocações não passam de construtos sociais.

A instauração de um capitalismo mais incisivo com a revolução industrial permitiu que as mulheres passassem a fazer parte do núcleo econômico familiar, ainda que com salários menores e exploração recorrente da sua mão-de-obra. As mulheres se mantiveram firmes no mercado de trabalho; muitas vezes na falta de oportunidades, prestavam serviços em domicílio, desempenhando tarefas parecidas com as feitas em suas residências. Ainda na sociedade atual, os serviços de doméstica, lavadeira, cozinheira, costureira, babá, dentre outros, são, em suma maioria, desempenhados pelo sexo feminino, como salienta Baroni et al. (2020).

Entretanto, a transformação do cenário industrial permitiu que a mulher desempenhasse tarefas antes efetuadas apenas pelo sexo masculino. No período da Segunda Guerra, as mulheres assumiram os espaços de trabalho dos homens que foram recrutados. Como medida de incentivo, o governo passou a empregar ao ideal de mulher adjetivos como força e coragem. Dessa forma, o movimento feminista foi

ganhando magnitude: em todo o mundo existiam mulheres lutando por liberdade e igualdade.

Em 2013, Alexandre de Melo fez um resumo sobre as conquistas femininas, começando pela pílula anticoncepcional que chegou ao mercado em 1961. A criação do medicamento incentivada por Margaret Sanger e em grande parte custeada por Katharine McCormick, contribuiu para a libertação física e sexual de milhões de mulheres.

As evoluções não pararam, pois as mulheres passaram a ocupar os jornais e as bancadas políticas. Em 2011, Dilma Rousseff assumiu a presidência do Brasil, alcançando um marco para a comunidade feminina que há 78 anos antes não tinham direito nem ao voto. Entretanto, a luta não para: é necessário que as mulheres bem-sucedidas, escolarizadas, donas do próprio corpo, independentes, não sejam exceções, mas, sim, que façam parte da regra.

4. Considerações Finais

Esta pesquisa teve como foco o debate sobre a dominação social sofrida pelas mulheres, definindo essa realidade do Brasil sob seus aspectos históricos, sociais e econômicos a partir dos contrastes de gênero, além de tratar também das particularidades da dominação social sofrida pelas mulheres negras. Tal levantamento bibliográfico possibilitou reafirmar os danos que os estigmas sociais da opressão e segregação causam no desenvolvimento psicossocial das mulheres.

Inicialmente, buscou-se esclarecer a construção social dos deveres impostos às mulheres: uma construção de gênero que tem a raiz fincada no machismo e na misoginia estrutural que impera na sociedade desde os primórdios da sua formação. De forma genérica, foram abordadas algumas padronizações típicas que são relacionadas à mulher, como a obrigatoriedade da maternidade e dos deveres domésticos, além da padronização do vestuário, costumes, traquejos e afins.

No ponto subsequente, foi realizada uma demonstração dos obstáculos que as mulheres negras enfrentam perante a sociedade patriarcal. Abordando a historicidade dessas dificuldades, mostrou-se o corrompimento desse grupo, com sofrimento e segregação que perduram nos tempos atuais. Nota-se que os estereótipos de gênero e raça são atualizados de variadas (e graves) formas.

Posteriormente, foram ressaltados aspectos das especificidades da padronização que a mulher enfrenta, salientados através da mídia, dos tabus, da hiper-sexualização evidente e recorrente, etc. O corpo feminino é tido, lamentavelmente, como passível de objetificação, aspecto engrandecido ao se tratar do corpo da mulher negra.

A pesquisa também veio a enfatizar acerca da historicidade da desigualdade de gênero, remontando aspectos formadores do patriarcalismo, do machismo construtor de uma sociedade e da misoginia no corpo social. A liberdade fora questionada, as conquistas das mulheres foram expostas e a evolução das questões femininas enquanto essenciais e legítimas foram sublinhadas.

Com base nos dados coletados, pode-se concluir que as mulheres, especialmente as mulheres negras, sofreram e ainda sofrem muito, pois de acordo com o padrão sócio-histórico que perdura hodierno, rotulam-se os estigmas sociais que encaram há muito. A perda histórica do sistema e a integração dessas duas minorias (étnica e de gênero), negros e mulheres, é uma importante questão para se levantar enquanto escopo de pesquisa científica-acadêmica, dado que apesar das claras evoluções, as mulheres, sobretudo as negras, ainda são obrigadas a enfrentar segregações, opressões e padronizações que diminuem e violentam sua figura, estigmatizam sua existência e maculam seu ser.

Nota-se uma certa continuidade do escopo das pesquisas levantadas e seus resultados, com discreta variação. O objetivo principal foi alcançado, que era encontrar uma boa e sucinta bibliografia sobre tal questionamento.

Torna-se fundamental salientar que enquanto objeto da Psicologia, a pesquisa faz-se importante porque ajuda a entender melhor as relações étnicorraciais na sociedade brasileira. Ainda, pesquisar, estudar e elaborar um trabalho acerca de uma problemática tão comum às mulheres e através da perspectiva do feminismo torna os resultados ainda mais contundentes. Reconhecem-se que os triunfos do movimento feminista não tiveram força o suficiente para abranger toda parcela de seus objetivos, atingindo de forma mais desigual as mulheres negras. Contudo, reconhece-se também que tal movimento foi fundamental para a compreensão, apreensão e elaboração das questões nefastas que as mulheres sofrem cotidianamente, um silenciamento e apagamento históricos e que podem ser tanto silenciosos quanto bem barulhentos.

Referências

ARAGÓN, Gabriel. **As mulheres de Esparta**. Aurora Oriental. 2020. Disponível em: <https://auroraoriental.wordpress.com/2020/07/08/as-mulheres-de-esparta/> Acesso em; 08 jun 2021.

ASSIS, D. N. C. **Sobre Griots**: por uma história das mulheres negras, por elas mesmas. IV Seminário Enlaçando Sexualidades da Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2015.
Disponível em:
<<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/SOBREGRIOTS.pdf>>.
Acesso em 31 out. 2020.

BARONI, Arethusa et al. **Uma análise da história da mulher na sociedade**. Direito Familiar. 2020.
Disponível em: <<https://direitofamiliar.com.br/uma-analise-da-historia-da-mulher-na-sociedade/#:~:text=A%20mulher%20sempre%20foi%20alvo,significava%2C%20basicament e%2C%20ser%20homem>>. Acesso em: 31 out. 2020.

BASEGGIO, Júlia Knapp. SILVA, Lisa Fernanda Meyer. **As condições femininas no Brasil colonial**. Revista Maiêutica, Indaial. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/dell/Downloads/1379-2208-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dell/Downloads/1379-2208-1-PB%20(1).pdf) Acesso em: 058 jun. 2021

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 4.ed. 1970. p. 86.

BURILLE, Celma Faria de Souza. **Trajetória da mulher na história do Brasil: Submissas ou arditosas?** 2012 Disponível em: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1338343549_ARQUIVO_ARTIGO_TRAJETORIADAMULHERNAHIST_BRASIL.pdf. Acesso em 05 de jun. de 2021.

CARVALHO, Eliane Paula. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. Universidade Federal do Paraná. 2015.
Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/55903/R%20-%20E%20-%20ELIANE%20PAULA%20DE%20CARVALHO.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20cabelo%20da%20mulher%20negra,sua%20condi%C3%A7%C3%A3o%20feminina%20e%20de>>. Acesso em 01 de nov. 2020.

D' ANGELO, Helô. Mary Wollstonecraft, autora de um dos primeiros textos feministas. **Revista Cult**: São Paulo. 2017.
Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/>>. Acesso em: 31 out. 2020.

DÖING, Laura. **Martelo das Bruxas**: orientou séculos de perseguição às mulheres. Deutsche Welle. 2012.
Disponível em: <<https://p.dw.com/p/14AMA>>. Acesso em: 31 out. 2020.

FELIPE, Luis. **Mary Wollstonecraft e as origens do feminismo**. Blog da Boitempo. 2015.

Disponível em: <[https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/27/mary-wollstonecraft-e-as-origens-do-feminismo/#:~:text=Mary%20Wollstonecraft%20\(1759%2D1797\),raz%C3%B5es%20%E2%80%93%20a%20fundadora%20do%20feminismo.&text=O%20programa%20dessa%20primeira%20fase,a%20dispor%20de%20suas%20propriedades](https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/27/mary-wollstonecraft-e-as-origens-do-feminismo/#:~:text=Mary%20Wollstonecraft%20(1759%2D1797),raz%C3%B5es%20%E2%80%93%20a%20fundadora%20do%20feminismo.&text=O%20programa%20dessa%20primeira%20fase,a%20dispor%20de%20suas%20propriedades)>. Acesso em: 31 out. 2020.

FIGUEIREDO, Mariana Grasel. DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. **Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista**. Nova perspectiva sistêmica. 2018 Disponível em:

<https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/393/315> Acesso em: 08 jun. 2021

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), vol. XIV.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

LUZIA, Daisy. Mulheres contra o machismo, mulheres contra o capital! O trabalho como caminho para entender o patriarcado. **Roca: Revista Científico - Educaciones de la provincia de Granma**. Vol. 14, Nº. 2. p. 191-200. 2018.

Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6759662>>. Acesso em 01 de nov. 2020.

MARCHANDEAU, Carla. **A repercussão das meias verdades no movimento feminista**. Crônicas Feministas. 2014.

Disponível em: <<https://cronicasfeministas.wordpress.com/tag/aristoteles/>>. Acesso em: 31 out. 2020.

MEDEIROS, Thais Karolina Ferreira. CHAVES, Maria Carmem. **Representatividade feminina na política brasileira: A evolução dos direitos femininos**. Caderno de graduação, Ciências humanas e sociais. 2017 Disponível em:

<https://periodicos.set.edu.br/facipehumanas/article/view/5143> Acesso em: 05 jun. 2021

MELO, Alexandre de. **Os fatos históricos que marcaram as conquistas das mulheres**. Nova Escola. 2013.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3522/os-fatos-historicos-que-marcaram-as-conquistas-das-mulheres>>. Acesso em: 31 out. 2020.

NOGUEIRA, Kiko. **O verdadeiro crime da propaganda racista da cerveja Devassa Negra**. DCM. 2013.

Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-verdadeiro-crime-da-propaganda-racista-da-cerveja-devassa/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

OLIVEIRA, Eliane. **Cultura do cancelamento: O que é, exemplos, Psicologia e Filosofia**. 2020.

Disponível em: <<https://www.greenmebrasil.com/viver/costume-e-sociedade/48091->

cultura-do-cancelamento-exemplos-psicologia-filosofia/>. Acesso em: 31 out. 2020.

OLIVEIRA, Patrícia Jesus. ARAGÃO, Livia. **O narcisismo e sua representação na sociedade de consumo: uma análise do filme “Delírios de consumo de becky bloom”** Cadernos brasileiros de saúde mental/ Brazilian Journal of mental health. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68542/41291> Acesso em: 08 jun. 2021.

PASSOS, Letícia. **De ruminação a compulsão: os transtornos alimentares que afetam os jovens**. Veja: São Paulo. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/de-ruminacao-a-compulsao-os-transtornos-alimentares-que-afetam-os-jovens/>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

ROCHA, Tatiana Mendes. **Padrão de beleza” e saúde mental da mulher**. [S. l.], 4 set. 2018. Disponível em: <https://psicologiaacessivel.net/2018/09/04/padrao-de-beleza-e-saude-mental-da-mulher/>. Acesso em: 20 out. 2020.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS – TJDF (Distrito Federal). **Racismo e saúde emocional: como o trauma afeta as vítimas**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoos/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/racismo-e-saude-emocional-como-o-trauma-afeta-as-vitimas>. Acesso em: 20 out. 2020.

